



## A COMUNIDADE SURDA E A CIBERCULTURA: ENTRE CULTURA, IDENTIDADE E REDES

Isis Tatiane Lima Alves<sup>1</sup>

*Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)*

### RESUMO

Este artigo realiza uma pesquisa bibliográfica com o objetivo de ponderar alguns conceitos sobre culturas, estudos culturais e identidades, abordando de maneira específica a comunidade e cultura surda. A pesquisa também explora identidades surdas, artefatos culturais e a presença da comunidade surda no ciberespaço, destacando o surgimento da cibercultura surda, evidenciando a trajetória de valorização da língua de sinais como principal artefato cultural da comunidade surda. A análise inclui textos e autores selecionados a partir de disciplinas do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Unicamp (2021-2024), disciplinas essas: a) Culturas Contemporâneas e Intermídialidades; b) Seminário de Pesquisa em Linguagens; c) Culturas e Identidades II; d) Culturas e Identidades IV; bem como disciplinas do Programa de Estágio Docente (PED) como: Libras e Educação de Surdos; Aquisição, Desenvolvimento e Processos Terapêuticos da Surdez. Autores como Hall (2006), Lopes (2007), Strobel (2008), Pelegrini e Funari (2008), e Rudiger (2013) fundamentam a discussão. Como resultados destacam o papel crescente das redes sociais e do ciberespaço como espaços onde surdos expressam sua cultura e língua, ampliando a visibilidade da comunidade e consolidando práticas de cibercultura. Assim, a língua de sinais emerge como central na construção das identidades surdas contemporâneas.

**Palavras-chave:** Cultura surda. Identidade surda. Artefatos culturais. Cibercultura.

### ABSTRACT

This article conducts a bibliographic study aiming to conceptualize cultures, cultural studies, and identities, specifically addressing the Deaf community and Deaf culture. The research also explores Deaf identities, cultural artifacts, and the presence of the Deaf community in cyberspace, highlighting the emergence of Deaf cyberculture and the trajectory of valuing sign language as the primary cultural artifact of the Deaf community. The analysis includes texts and authors selected from courses offered by the Graduate Program in Applied Linguistics at Unicom (2021-2024), such as: a) Contemporary Cultures and Intermedial ties; b) Research Seminar on Languages; c) Cultures and Identities II; d) Cultures and Identities IV, as well as courses from the Teaching Internship Program, such as: Libras and Deaf Education; Acquisition, Development, and Therapeutic Processes of Deafness. Authors such as Hall (2006), Lopes (2007), Strobel (2008), Pellegrino and Funari (2008), and Rudiger (2013) provide the theoretical foundation for the discussion. The results highlight the growing role of social networks and cyberspace as spaces where Deaf individuals express their culture and language, increasing the community's visibility and consolidating cybicultural practices. Thus, sign language emerges as central to the construction of contemporary Deaf identities.

<sup>1</sup> É professora de Libras na Faculdade de Letras, Universidade Federal de Ouro Preto (DELET/UFOP). Mestra em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: [isistatianelimaalves@gmail.com](mailto:isistatianelimaalves@gmail.com)



**Keywords:** Deaf culture. Deaf identity. Cultural artifacts. Cybergulture.

## INTRODUÇÃO

Um dos primeiros registros de comunidade surda no Brasil surgiu no agrupamento de surdos na escola que hoje é denominada INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos. Desse meio surgiram militantes da causa surda, que buscaram e buscam até os dias atuais reconhecimento, respeito e visibilidade da cultura surda e da língua de sinais (Strobel, 2008c). Também, na década de 1980, destacaram-se os Estudos Surdos, que ganharam relevância quando pesquisadores começaram a focar nas comunidades surdas como grupos culturais distintos, utilizando conceitos antropológicos em vez de abordagens clínicas, que antes eram mais comuns na análise das pessoas surdas (Lopes, 2007). E ainda, no ano de 2002, com o reconhecimento da língua de sinais como um meio de comunicação da comunidade surda, a língua de sinais e cultura surda têm ganhado mais espaço nas pesquisas científicas, nos debates políticos, no meio educacional, entre outros.

Logo então os debates sobre a cultura surda e identidade surda continuam se formulando e se recriando, principalmente com o avanço da tecnologia, o fácil acesso à informação e as possibilidades de comunicações através de vídeos, figuras e imagens. Os autores investigados são oriundos das ementas das disciplinas do mestrado em Linguística Aplicada, como: Culturas Contemporâneas e Interdisciplinaridades (2021), Seminário de Pesquisa em Linguagens, Culturas e Identidades II (2022), Seminário de Pesquisa em Linguagens, Culturas e Identidades IV (2023) e do Programa de Estágio Docente (PED), nas disciplinas de Libras e Educação de Surdos, além da disciplina Aquisição, Desenvolvimento e Processos Terapêuticos da Surdez, da Universidade Estadual de Campinas, durante o período de 2022 a 2024.

Todas essas disciplinas apresentam textos que provocaram reflexões sobre culturas e identidades em geral, bem como sobre as culturas e identidades surdas, incluindo os artefatos culturais do povo surdo. Além disso, esses textos contêm referências ao ambiente cultural cibernetico, conhecido como cibercultura, o que nos leva a refletir sobre como a comunidade surda tem reagido culturalmente nesse contexto. Assim, apresentamos as concepções mais consolidadas e afirmadas nos textos analisados.

## 1 CULTURA E ESTUDOS CULTURAIS

Para abordar a cultura surda, é importante tratar, primeiramente, da própria noção de cultura, que vem sendo assunto de diversos campos, tais como a sociologia (e.g. Bourdieu, 1989; 2003), história (e.g. Burke, 1995; 2005), psicologia (e.g. Valsiner, 1987; 2014; 2007), antropologia (e.g. Geertz, 1956; 1973; Laraia, 2001), linguística (e.g. Ribeiro; Garcez, 1998; Mollica e Ferrarezi Junior, 2016;), entre outros. O termo cultura circula fortemente por todos esses campos e aparece também no senso comum. No entanto, com tantas pesquisas e vertentes, definir cultura é algo complexo. Tendo isso em vista, iremos nos apropriar de alguns conceitos que nos direcionarão neste trabalho.

De acordo com Laraia (2001), a ideia de cultura já germinava desde o século XVIII, quando Edward Tylor cunhou a palavra do vocabulário inglês, *culture*, para conceituar o que os germânicos nomeavam de *kultur* e de *civilization*. O primeiro termo se referia a todos os aspectos espirituais de uma comunidade, e o segundo era utilizado pelos franceses para nomear as realizações materiais de um povo. Ao misturar esses conceitos, Tylor utilizou a palavra *culture* para abranger todas as possibilidades de realização humana (Tylor, 1871 *apud* Laraia, 2001).



Williams (2007) complementou postulando que a palavra cultura manifesta, de forma simultânea, domínios simbólicos e materiais que sugerem a diferença entre nós e outros animais. Geertz (1989) afirma que o ser humano só se tornou o que é quando cruzou um ponto mental sem retorno e foi capaz de transmitir o conhecimento, a crença, as leis, a moral e os costumes. Ele ainda expõe que a definição de cultura é tão ampla que Clyde Kluckhohn demonstrou 11 conceitos em um artigo de 27 páginas, com essas definições abrangendo todas as referências sobre o conceito de cultura comentadas anteriormente e ainda outras. Esses conceitos são:

(1) o modo de vida global de um povo; (2) o legado social que o indivíduo adquire do seu grupo; (3) uma forma de pensar, sentir e acreditar; (4) uma abstração do comportamento; (5) uma teoria, elaborada pelo antropólogo, sobre a forma pela qual um grupo de pessoas se comporta realmente; (6) um celeiro de aprendizagem em comum; (7) um conjunto de orientações padronizadas para os problemas recorrentes; (8) o comportamento aprendido; (9) um mecanismo para a regulamentação normativa do comportamento; (10) um conjunto de técnicas para se ajustar tanto ao ambiente externo como em relação aos outros homens; e (11) um precipitado da história (Kluckhohn, 1949 *apud* Geertz, 1989, p. 4).

Ainda, no âmbito da Linguística Aplicada, de acordo com Maher (2007), a cultura não é como uma herança, mas sim “uma produção histórica, uma construção discursiva” (Maher, 2007, p. 261) que se reproduz constantemente, definindo palavras, conceitos, categorias e valores, de modo a ser no âmbito dessas definições que se orienta a forma como vivemos nossas vidas. É dentro desses posicionamentos de cultura que se reproduz e se modifica, através do tempo e do espaço, o modo de vida global de um povo – que diz respeito ao legado social adquirido de um grupo e, além disso, a uma forma de pensar, sentir e acreditar. Sob essas visões de cultura apontadas acima, iremos abordar neste trabalho, inicialmente, uma das abordagens dos Estudos Culturais e, em seguida, nos Estudos Surdos.

No âmbito dos Estudos Culturais, Grossberg, Nelson e Treichler (2011) afirmam que o campo da cultura é como um estudo dos processos e conhecimentos úteis dos seres humanos. Suas principais categorias de estudos são as seguintes: gênero e sexualidade, nacionalidade, etnia, cultura popular, política de identidade, cultura global, raça, colonialismo e pós-colonialismo, entre outras. Diante dessa variedade, Grossberg, Nelson e Treichler (2011, p. 13) concluem que os “Estudos Culturais estão, assim, comprometidos com o estudo de todas as artes, crenças, instituições e práticas comunicativas de uma sociedade”.

Este artigo irá focar no grupo étnico minoritário das pessoas surdas, já que a ideia de surdez é construída no meio sociocultural, a partir de representações e interpretações do que seria “normal” e do que seria “exótico” dentro de determinados grupos. Esse ponto de vista de normal e exótico justifica e categoriza o que somos nós e o que é o outro (Lopes, 2007). Para tanto, iniciaremos a discussão pelos Estudos Surdos.

## 2 ESTUDOS SURDOS

Os Estudos Surdos destacaram-se na década de 1980, quando grupos de pesquisadores voltaram seus olhares para as comunidades surdas como sujeitos culturais diferentes, relacionando-os com os conceitos antropológicos ao invés de com viés clínico, como era comum investigar a pessoa surda.



Embora houvesse pesquisas anteriores sobre a língua e a cultura surda, ainda não tinham sido vistos estudos reunidos de forma organizada e em grande quantidade até o momento em que se iniciam os chamados Estudos Surdos (Lopes, 2007). Nesse sentido, Skliar (2016, p. 5) estabelece os Estudos Surdos como:

[...] um programa de pesquisa e educação, pelo qual as identidades, as línguas, os projetos educacionais, a história, a arte, as comunidades surdas são focalizadas e entendidas a partir da diferença, a partir do seu reconhecimento político (Skliar, 2016, p. 5).

O surdo passou então, a partir dos “anos oitenta do século passado, inclusive no Brasil, a ser integrante de um grupo étnico minoritário” (Lopes, 2007, p. 25). Com isso, inicia-se o processo de pensar abordagens diferentes para esse grupo. Após o fracasso da educação de surdos diante do método oralista, reformularam-se, e ainda têm sido reformuladas, as convicções sobre o sujeito surdo, além das pesquisas e descrições em torno da língua, das políticas educacionais que lhes são direcionadas, e de como são as relações de saberes entre surdos e ouvintes (Skliar, 2016).

Como dito, esses grupos de pesquisadores passaram a centrar suas pesquisas nas comunidades surdas, compreendendo a surdez como uma diferença cultural. Convém ressaltar que, entre os pesquisadores, há também surdos acadêmicos envolvidos, formando aliados com diferenças culturais e linguísticas que buscam juntos outras perspectivas identitárias para se entender a língua de sinais e a materialização da própria cultura surda (Lopes, 2007). Conforme elenca Lopes (2007), alguns grupos pioneiros desse campo são o NUPPES (Núcleo de Pesquisa em Políticas de Educação de Surdos), o GELES (Grupo de Estudos sobre Linguagem e Surdez) e o GES (Grupo de Estudos sobre Linguagem e Surdez).

### 3 CULTURA E COMUNIDADE SURDA

A comunidade surda é conceituada como um grupo de pessoas que vive num determinado local e que partilha os mesmos objetivos entre seus membros. Estes compreendem, de acordo com Strobel (2008b) e Padden e Humphries (2006), não apenas os sujeitos surdos, mas também os ouvintes, como os membros de sua família, os *“Children of Deaf Adults”* (CODAs), os intérpretes, os professores e os amigos.

Há muitos relatos que registram a história dos surdos em diversos períodos e em dezenas de civilizações diferentes. No entanto, os primeiros registros de comunidades surdas nascem junto com as associações oriundas da escola de *l'Épée*, o *Institution Nationale des Sourds-Muets Paris*, no século XVIII (Benvenuto; Senguillon, 2016). Nessa época, alunos e ex-alunos foram responsáveis por fundar associações de surdos que tinham como objetivos oferecer amparo para os surdos defenderem suas políticas e reivindicações, além de orientar e acolher surdos doentes, desempregados e ensiná-los assuntos de diversas áreas de conhecimento (Benvenuto; Senguillon, 2016).

No Brasil, em 1857, foi inaugurada a primeira escola de surdos, o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Embora as aulas e orientações fossem ministradas na língua de sinais francesa, trazida por Eduard Huet, o INES sempre recebeu, por anos, alunos surdos brasileiros. Como havia na escola alunos de diversos estados do país, essa experiência reuniu uma variedade de línguas de sinais (Strobel, 2008c; Campello, 2008).



Muitos desses alunos tornaram-se militantes surdos a lutar pelo reconhecimento de sua língua, da cultura surda e das identidades surdas brasileiras, criando associações em vários estados do país. Essas associações mantêm a tradição de se destinarem ao esporte e ao lazer e de trazer para a comunidade surda apoio nas lutas políticas. Um exemplo é a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS), uma entidade sem fins lucrativos criada em maio de 1987 que tinha como objetivo a “defesa de políticas linguísticas, educação, cultura, emprego, saúde e assistência social, em favor da comunidade surda brasileira, bem como a defesa de seus direitos” (FENEIS, 2021).

A comunidade surda é, então, formada por surdos que se relacionam com outros surdos e por ouvintes que utilizam os mesmos espaços — sejam eles espaços físicos ou cibernéticos — para se apoiarem e se fortalecerem politicamente. Vale ressaltar que onde há encontro de surdos, há produção de cultura surda.

Strobel (2008a) afirma que a cultura surda é o modo do sujeito surdo entender o mundo e modificá-lo para que este se torne acessível e confortável, contribuindo, assim, para construção da identidade surda, bem como de suas comunidades, para o atendimento de todas as suas particularidades. Segundo a autora, “isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo” (Strobel, 2008a, p. 24).

Outra definição é que a cultura surda, conforme Perlin e Strobel (2014), é o comportamento reproduzido e compartilhado por surdos, seja nas escolas ou associações de surdos, seja onde houver surdos e o compartilhamento de experiências com seus semelhantes. E, ainda, Thoma (2012) descreve a cultura surda como visual e retrata que a língua de sinais é o código mais compartilhado, uma das maiores características da comunidade surda, permitindo, assim, que os surdos se sintam à vontade nos espaços comunitários. Labourit (1994, p. 81) também aborda a experiência de encontro entre surdos, sobre como estes compartilham suas identidades e como suas histórias se tornam comuns e entendíveis por todos eles:

A grande diferença é que quando um surdo encontra outro surdo pela primeira vez, contam um ao outro [...] histórias dos surdos, quer dizer, a história da sua vida. De imediato, como se se conhecessem desde sempre. O diálogo é automático, direto e fácil

Dito isso, os sujeitos surdos se reconhecem, se relacionam e compartilham suas vivências no mundo dos ouvintes, tendo histórias e experiências visuais parecidas uns com os outros e, em diferentes graus, com seus familiares, amigos e com o restante do meio social – ambiente escolar, profissional, entre outros. Comunidades surdas e culturas surdas se efetuam nos encontros entre surdos e ouvintes que utilizam a língua de sinais, uma das características mais marcantes da comunidade surda.

Ao convivermos em determinadas comunidades culturais, há a construção de identidades. As identidades dos sujeitos não apenas aparecem na natureza, mas sim são uma construção social e simbólica de uma comunidade. Nesse sentido, a identidade surda “é construída através de uma cultura visual, mas não é uma construção isolada, mas também uma construção multicultural” (Perlin, 2016, p. 58). Assim, é nessas comunidades surdas que se fortalecem as identidades surdas (Zappe, 2010). Diante disso, o que são as identidades surdas?

## 4 IDENTIDADES SURDAS



Ao longo dos anos, as identidades modernas estão sendo descentradas, uma afirmativa de Hall (2006), que também traçou aspectos de antigas identidades já construídas na sociedade. O primeiro aspecto, começando pela identidade dos sujeitos do Iluminismo, tem a ver com o fato de que essas identidades eram baseadas na concepção de que o indivíduo já nascia “totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo ‘centro’ consistia num núcleo interior” (Hall, 2006, p. 10), ou seja, uma identidade que surgia logo após o nascimento e se mantinha inalterada ao longo de sua existência.

Em sequência, o autor apresenta a identidade sociológica, cuja construção se dá através do círculo de pessoas que cercam o indivíduo, isto é, não se trata mais de uma identidade autônoma e autossuficiente, que nascia com o sujeito, mas sim de uma identidade formada por relações com outras pessoas, que mediavam para os sujeitos, valores, sentidos e símbolos. “Assim, a identidade é formada na interação entre o eu e a sociedade (Hall, 2006, p.12)”. A identidade cultural sociológica vincula o sujeito às estruturas sociais. Entretanto, uma mudança está ocorrendo na sociedade contemporânea, em que essa estabilidade do sujeito com a sociedade unificada está se alterando, dando espaço às identidades fragmentadas. As identidades antes únicas e previsíveis estão se locomovendo e dando visibilidade a novas identidades, muitas vezes contraditórias ou não-resolvidas, “produzindo um sujeito pós-moderno que não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente” (Hall, 2006, p. 12). Ao analisar as identidades fragmentadas — as identidades que estão sendo reformuladas no período atual —, podemos perceber que não existe uma identidade única e completa, já que elas permanecem incompletas, sempre em processo, sempre em formulação.

Segundo Pinheiro (2012, p. 23), “a identidade surda, assim como qualquer outra, é produzida discursivamente de acordo com o local histórico e institucional em que se encontra”. A identidade e a diferença são formadas por atos de linguagem (Silva, 2000), ou seja, quem constrói o outro é o sistema linguístico pelo qual somos governados — no caso dos surdos, a língua de sinais própria daquela comunidade. Diante disso, afirmamos que a surdez não é apenas uma condição fisiológica, mas é também concebida socialmente e influenciada por uma construção social. Assim sendo, o sujeito surdo irá construir sua identidade, sua autonomia e sua autoestima de acordo com o modo como ele é representado, isto é, como o nomeiam nesse mundo.

Surdos que nascem em famílias ouvintes reconhecem sua diferença ao crescer sem a representação de outros surdos. No livro *O grito da gaivota* (1994), a autora Emanuelle Labourit descreve sua infância até os sete anos de idade, marcada pela ausência da língua de sinais e/ou de representações surdas: “Não havia compreendido que eu era surda. Somente que existia uma diferença” (Labourit, 1994, p. 18). Na obra, Labourit segue contando como foi assustador encontrar o primeiro surdo adulto, pois, até aquele momento, para ela, crianças surdas nunca se tornavam adultas. Ao conhecer Alfredo em um centro destinado a pessoas surdas, deparou-se com a língua de sinais e com pessoas iguais a ela:

Alfredo chega à minha frente e diz: ‘Sou surdo como tu, uso os gestos. É a minha língua’. Usando a mímica, perguntei: ‘Por que é que não usas aparelho auditivo?’ Ele sorriu. Para ele é evidente que um surdo não precisa de aparelho, enquanto para mim representa um ponto de referência visível. Alfredo é, pois, surdo, não usa aparelho e ainda por cima é adulto. Creio que levei algum tempo a compreender aquela tripla bizarria. Em contrapartida, aquilo que eu compreendi de imediato foi que não estava só no mundo. Revelação que foi um choque (Labourit, 1994, p. 34).



Silva (2000) apresenta o que seria a identidade e a diferença; sendo a identidade aquilo que o sujeito é e a diferença aquilo que ele não é. Nesse viés, Labourit (1994) sabia que era diferente, que não tinha a identidade de ouvinte como sua família. Ela diz que entendeu ser surda no momento em que encontrou seus iguais — primeiramente ao descobrir que existiam outros surdos e que havia uma forma de comunicação gestual: “são espantosos, rápidos, complicados. O código simplista que inventei com a minha mãe é à base de mímica e de palavras oralizadas” (Labourit, 1994, p. 34). Em contato com a língua de sinais, Emanuelle pôde entender melhor sua identidade, sua diferença e quem ela era.

Outro autor que relata sua experiência é Schallenberger (2012), que tem na sua identidade a cultura alemã devido a sua ascendência, concordando com o que afirma Hall (2006) acerca da cultura nacional em que nascemos constituir uma das principais fontes de identidade cultural. Nesse sentido, Schallenberger (2012), assim como Labourit, também é surdo e buscou interagir com a comunidade surda para construir sua identidade própria:

Observo que na minha experiência enquanto surdo, a comunidade é algo fundamental. Desde a época em que apenas convivia com minha família, onde a comunidade linguística (no caso, alemã) já estava dada, eu como surdo tive que fazer uma busca por outra comunidade, e, como tudo que se relaciona à cultura é em parte invenção dos próprios sujeitos, eu também tive que inventar e construir a cultura junto aos surdos (Schallenberger, 2012, p. 34).

Vilhalva (2011) também relata como sentia a necessidade de estar entre seus iguais, pois percebia seu isolamento pela diferença; uma diferença que nem conseguia compreender qual era e o porquê dela:

Todos têm sonhos e eu também tinha sonhos. O meu era o de um dia encontrar uma escola na qual encontrasse entes iguais a mim. Por que isso acontecia? Eu sempre me perguntava. As pessoas em minha volta são seres parecidos comigo: eu olhava o corpo humano deles e via que eu tinha tudo que eles tinham, mas, no fundo, havia uma diferença. Eu não sabia onde estava a diferença. Eu fui para uma escola e era igual no corpo, mas continuava procurando onde estava a diferença (Vilhalva, 2011, p. 64).

Vilhalva (2011) segue narrando que se encontrou ao conviver com outros surdos em centros destinados a terapias de falas e que se sentiu completa quando aceitou sua identidade surda e parou de se cobrar a ser “normal” ou tentar imitar os “normais”, como são enxergados os ouvintes. Ela descreve esse processo da seguinte forma: “dentro da escola para surdos, passei a conviver com os outros surdos, aceitando com mais facilidade a minha necessidade de fazer uso da língua de sinais” (Vilhalva, 2011, p. 67).

Tendo em vista as experiências de construção da identidade surda de Labourit, Schallenberger e Vilhalva, foi em encontros surdo-surdo que os autores se identificaram, aprenderam uma língua diferente e entenderam-se como surdos, junto com as comunidades surdas. “Um ser humano em contato com o seu espaço cultural reage, cresce e desenvolve sua identidade, o que significa que os cultivos que fazemos são coletivos e não isolados” (Strobel, 2008a, p. 19).



Há surdos que nasceram em famílias de surdos e outros em famílias de ouvintes. Independentemente disso, em algum momento, eles todos serão afetados por estarem na sociedade ouvinte, com discursos e práticas baseadas em ideias estereotipadas sobre a surdez. Muitos deles produziam e ainda produzem discursos em que empregam termos como “surdo-mudo” e “mudinho”, por não terem tido contato com a comunidade surda ou com informações baseadas em uma visão clínica e não antropológica da língua de sinais e da surdez.

Pessoas que sempre viram surdos como deficientes e incapazes, e que criaram apelidos pejorativos e/ou discursos capacitistas, os quais são perpetuados de geração em geração foram culturalmente moldadas com esse discurso. Entretanto, elas devem ser reeducadas sobre a concepção de sujeito surdo, pois, como aponta Strobel (2008a, p. 19):

A cultura não vem pronta, ela se modifica e se atualiza, expressando claramente que não com o homem sozinho e sim das produções coletivas que decorrem do desenvolvimento cultural experimentado por suas gerações passadas.

A surdez é construída na relação de experiência com surdos e ouvintes e, por isso, não podemos catalogar todos os surdos com identidades fixas, nem eleger uma que seja pura. “Ser surdo é uma condição plural, e as identidades surdas podem ser tantas como podem ser qualquer outra” (Thoma, 2012, p. 173). Da mesma forma, Lopes (2007) afirma que não existe uma identidade surda melhor ou pior que a outra, ou uma que irá definir quem vem ser mais surdo ou menos surdo. Em vez disso, “há formas diferentes de viver a condição de ser surdo e de pertencer a um grupo específico” (Lopes, 2007, p. 14), produzindo marcas culturais surdas.

A cultura e as identidades se reformulam constantemente e, com a ajuda das redes sociais, os esclarecimentos sobre esses elementos relacionados à comunidade surda podem e têm sido reconstruídos, inclusive pelos próprios surdos. Afinal, como afirmado anteriormente, a construção identitária dos surdos, assim como a de qualquer pessoa, é formada dependendo dos ambientes em que estão inseridos.

Dito isso, entender como os surdos estão inseridos na sociedade e como se configura a cultura que circula dentro desses grupos é aprender sobre o mundo. Conhecendo o mundo surdo, podemos criar melhores possibilidades de educação, política, saúde e dignidade para todos da sociedade. É também nesse encontro que a cultura surda acontece, se modifica e transmite os trejeitos realizados e conhecidos por aqueles que fazem parte dessa comunidade, inclusive seus artefatos culturais, sejam eles materiais e/ou imateriais, sobre os quais discorreremos a seguir.

## 5 ARTEFATOS CULTURAIS

Comunidades e nações em todo o mundo produzem uma variedade de artefatos culturais. Segundo Strobel (2008a), os artefatos culturais são definidos como objetos ou materiais gerados por grupos culturais, representando toda a experiência cultural de uma comunidade. A língua de sinais, por exemplo, é um dos artefatos mais visíveis da identidade surda. Os surdos adquirem-na de modo natural, em contato com outros surdos, e, através dela, se entendem, se encontram e formulam sua identidade surda (Perlin, 1998; Moura, 2000).

Alguns desses artefatos culturais materiais surdos são adaptações de objetos da comunidade ouvinte para as pessoas surdas. A campainha eletrônica acionada através de luz ao invés de som, a babá eletrônica vibratória e os livros de histórias infantis adaptadas à escrita da língua de sinais são alguns exemplos. De acordo com Pelegrini e Funari (2008), durante muito tempo, as pesquisas de



artefatos pairaram sobre esses objetos palpáveis, mas recentemente foram situadas outras características que fazem parte dos artefatos culturais de uma comunidade e que não são necessariamente palpáveis, mas vividos e transformados. Estão entre eles artefatos imateriais como as danças, os rituais e as orações.

Todas as comunidades e nações cultivam artefatos culturais materiais e imateriais, que vão desde vestimentas até danças populares. Esses artefatos são transmitidos de geração em geração, mas isso não significa que eles sejam imodificáveis. Na realidade, eles são constantemente recriados, pois são decorrentes “das mutações entre as comunidades e os grupos que convivem num dado espaço social, do meio ambiente, das interações com a natureza e da própria história dessas populações” (Pelegrini; Funari, 2008, p. 46).

Os artefatos culturais materiais carregam as representações das comunidades, podendo ser, por exemplo, roupas como o quimono japonês, o poncho, uma vestimenta tradicional da América do Sul; também utensílios culinários como o *hashi*, talheres utilizados pelos países do Extremo Oriente, e a cuia, utilizada no Brasil pelos nortistas como recipiente para servir comida ou líquidos; e artigos religiosos como terços e santos da Igreja Católica.

Já os artefatos imateriais são mais subjetivos. Eles não são palpáveis como os terços e cuias, mas sim ensinados de forma sociocultural, de acordo com a comunidade que se frequenta. Por exemplo, as orações aos santos católicos, como a oração de Nossa Senhora de Fátima ou de Nossa Senhora de Aparecida; as músicas de Umbanda que são cantadas quando é revelado seu Orixá de Cabeça; as gírias da língua, que são compreendidas conforme o grupo frequentado; uma dança realizada por um determinado povo, cujos passos são transmitidos de geração em geração, como o tango ou o forró. Todos esses artefatos são aprendidos segundo a vivência de cada indivíduo e com o espaço cultural em que está inserido. Pelegrini e Funari (2008, p. 27), ao definirem essa imaterialidade, explicam o seguinte:

De maneira mais prosaica, a imaterialidade foi resumida à impossibilidade de tocar (mas não de ser percebida, claro). Assim podemos tocar os instrumentos musicais, nas pessoas e nas roupas, mas uma dança popular não pode, enquanto conjunto da representação, ser “tocada”.

As representações da comunidade surda, sejam materiais ou imateriais, carregam em seus traços o mundo surdo. “Entendo mundo surdo como a produção de significados ou de expressão dos surdos” (Miranda, 2001, p. 25). Não só isso, é também através da produção desses artefatos que o cenário cultural dos surdos os legitima e os reafirma como sujeitos identitários (Pinheiro, 2012).

Além disso, temos as piadas surdas, que, em geral, são narradas satirizando os ouvintes; os sinais de batismo recebidos ao adentrar na comunidade surda, que funcionam como se fosse um novo nome, seu nome visual, entre outros artefatos. Miranda (2001, p. 35), em sua dissertação, enquanto descreve a sua procura pelos sujeitos para comporem a sala de aula em que iria ensinar Libras aos surdos, apresenta-os com seus sinais da seguinte forma:

Juntamente com o “Cabelo Indígena” fomos à casa de “Boné”, outro surdo que “Cabelo Indígena” o chamou de sinalizado. Depois fomos à casa de quem “Cabelo Indígena” chama pelo sinal de “Cabelo até Seio”. Depois fomos à casa da irmã de uma surda que os Surdos deram sinal de “Pó Facial” (Miranda, 2001, p. 35).



Os artefatos culturais surdos estão presentes em todas as comunidades surdas e variam de acordo com a cultura daquela população. Contudo, com a tecnologia presente nos dias atuais, as comunidades estão cada vez mais sendo influenciadas umas pelas outras, e não apenas as surdas.

## 6 CIBERCULTURA

Hoje, com os avanços das tecnologias digitais, principalmente no que diz respeito ao registro em vídeo e à facilidade de acesso a esse conteúdo, são observadas novas formas de registro e divulgação das línguas de sinais e de compartilhar histórias e vivências de surdos em diferentes tempos e espaços. Enquanto seres humanos, existimos nesses três espaços: o físico, o psíquico e o ciberespaço; com isso, comunidades de todo o mundo com acesso à comunicação e à internet estão aprendendo ou reproduzindo artefatos de outras comunidades, formando assim as conhecidas ciberculturas.

Rudiger (2013) caracteriza a cibercultura como uma construção histórica que abrange tanto aspectos práticos quanto simbólicos, com base no cotidiano, e que se desenvolve em função das novas tecnologias eletrônicas de comunicação. Ele também revisita as definições de cibercultura propostas por outros autores que complementam essa perspectiva:

Para Escobar (2000), refere-se o termo “a um amplo processo de construção sociocultural [da realidade] posto em marcha no rastro das novas tecnologias”, à socialidade formada em um “ambiente estruturado por novas formas de ciência e de tecnologia”. Já Lévy (1999) a define como “o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem como o crescimento do ciberespaço” (Rudiger, 2013, p. 10).

Em síntese, de acordo com a definição acima e outros autores, desenvolvemos uma cultura social no ambiente cibernetico que, além de acompanhar o avanço tecnológico, contribui para a construção da sociedade tanto dentro quanto fora das redes. Isso ocorre porque as redes também fazem parte de um processo que envolve nossas crenças metafísicas (Rudiger, 2013). Um exemplo disso é o modo como grupos étnicos minoritários têm se reunido nas plataformas online, criando espaços ciberculturais onde discutem e debatem questões relacionadas ao seu contexto social, ideias e opiniões.

A comunidade surda tem feito parte dessa cibercultura, tanto consumindo outras culturas surdas e informações através da língua de sinais, como passando informações da língua oral para a língua de sinais, youtuber surdos, *instagrameers* surdos, *influencers* de *TikTok* surdos, bem como professores de Libras e tradutores intérpretes, tem apresentado a língua de sinais, artefatos culturais, eventos, bem como as lutas e direitos dos surdos, oferecendo informações sobre a cultura surda e o sujeito surdo. Alguns exemplos de canais de YouTube são: Leo Viturinno, Visurdo, Isflocos, INES; Alguns canais de Instagram: jclibras, Gabriel isaac, traduzlibras, e muitos outros. Lembrando que a comunidade surda é formada por sujeitos que apoiam e lutam juntos pelas causas surdas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletindo sobre essa trajetória da comunidade surda no Brasil, da criação do INES, dos Estudos Surdos na década de 1980, da lei de Libras, todos foram e são marcos importantes da luta



e visibilidade pelos direitos surdos, e também um exemplo notável de como a identidade e a cultura podem ser construídas e ressignificadas ao longo do tempo.

O reconhecimento da surdez como um agrupamento rico de identidades culturais, que traz consigo um conjunto de práticas, valores e modos de vida. A diversidade de experiências entre surdos que cresceram em diferentes contextos familiares/regionais enriquece ainda mais essa identidade, mostrando que a surdez é uma condição plural e multifacetada. Essa pluralidade é fundamental para a construção de uma comunidade coesa, onde a interação entre surdos e ouvintes se torna um espaço de aprendizado e troca cultural.

O surgimento da cibercultura também merece destaque, pois oferece novas oportunidades para a comunidade surda se expressar e se conectar. As plataformas digitais têm se tornado um espaço vital para a promoção da Língua de Sinais e para a discussão de questões sociais relevantes, permitindo que os surdos ampliem sua voz e suas lutas por direitos. Essa nova forma de comunicação não apenas fortalece a identidade surda, mas também contribui para a visibilidade e o reconhecimento da cultura surda na sociedade em geral.

Este trabalho procurou fazer um apanhado de conceitos relacionados à cultura, cultura surda, comunidade surda, identidades surdas, artefatos culturais e ciberculturas nas redes sociais. A luta por direitos e reconhecimento é contínua, e é fundamental que a sociedade como um todo se engaje nesse processo, promovendo a inclusão e a valorização das identidades surdas. Os autores trabalhados, provenientes de áreas antropológicas como Pelegrini e Funari (2008), sociológica como Hall (2006) e Silva (2000), além de especialistas em estudos surdos como Strobel (2008), Lopes (2007) e Skliar, nos permitiram observar como a comunidade surda tem acompanhado os avanços tecnológicos, apresentando e representando a cultura surda e a Língua de Sinais nas redes sociais e nos ciberespaços. A construção de um mundo mais justo e igualitário passa, sem dúvida, pelo reconhecimento e pela valorização das diferentes formas de ser e de se comunicar.

## REFERÊNCIAS

- BENVENUTO, A.; SENGUILLON, D. Primeiros banquetes dos surdos-mudos no surgimento das mobilizações coletivas dos surdos. Tradução: Maria Luizete Sobral Carliez. **Revista Moara**, Belém, v. 45, jan./jun. 2016. Acesso: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/3707>
- BERTHIER, F. Les Sourdes-muets avant et depuis l'abbé de l'Epée. In LANE, H. E PHILIP, F. The deaf experience: classics in language and education, tradução do original francês para o inglês de Philip, F. Cambridge, Massachusetts e London: Harvard University Press, 1984. (Texto originalmente publicado em francês em 1840).
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1989. (Coleção História e Sociedade).
- BOURDIEU, P. **Questões de Sociologia**. Lisboa: Fim de Século, 2003.
- BURKE, P. BOTTMANN, D. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- CAMPELLO, A. R. S. **Aspectos da visualidade na educação de surdos**. 2008. 245 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. Acesso: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/91182>



FENEIS. **O que é Feneis?** Portal Feneis [on-line], 2021. Disponível em: <https://feneis.org.br/o-que-e/>. Acesso em: 23 maio 2024.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GROSSBERG, L; NELSON, C.; TREICHLER, P. **Estudos Culturais: Uma introdução.** In: SILVA, T. T. da. (orgs.). **Alienígenas na sala de aula.** 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 7-38.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LABOURIT, E. **O vôo da Gaivota.** São Paulo: Best Seller, 1994.

LARAIA, R. B. **Cultura: um conceito antropológico.** 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

LOPES, M. C. **Surdez & educação.** São Paulo: Autêntica, 2007.

MAHER, T. M. **A educação do entorno para a interculturalidade e o plurilinguismo.** In: KLEIMAN, A. B.; CAVALCANTI, M. C. (org.) **Linguística Aplicada: suas faces e interfaces.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007. p. 255-270.

MIRANDA, W. O. **Comunidade dos surdos:** olhares sobre os contatos culturais. 2001. 108 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001. Acesso: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/256233>

MOURA, M. C. **O surdo:** caminhos para uma nova identidade. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

PADDEN, C.; HUMPHRIES, T. **Inside deaf culture.** 1. ed. Boston: Harvard University Press, 2006.

PELEGRINI, S. A.; FUNARI, P. P. A. **O que é patrimônio cultural imaterial.** 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 2008.

PERLIN, G. **Identidades surdas.** In: SKLIAR, C. (org.). **A Surdez:** um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998. p. 51-74.

PERLIN, G. **Identidades surdas.** In: SKLIAR, C. (org.). **A Surdez.** Porto Alegre: Mediação, 2016. p. 51-74.

PERLIN, G.; STROBEL, K. **História cultural dos surdos: desafio contemporâneo.** **Educar em Revista**, Curitiba, n. 14, p. 17-31, 2014. Acesso:

<https://www.scielo.br/j/er/a/qR5cDC7tgf5SyMtrSGvSVFC/?format=pdf&lang=pt>

PINHEIRO, D. **Youtube como pedagogia cultural:** espaço de produção, circulação e consumo de cultura surda. 2012. 80 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2012. Acesso:  
<https://repositorio.ufsm.br/handle/1/6995>

RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (org.) **Sociolinguística Interacional:** antropologia, lingüística e sociologia em análise do discurso. Porto Alegre: AGE, 1998.

RUDIGER, F. **As teorias da cibercultura:** perspectivas, questões e autores. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2013.



SCHALLEMBERGER, A. Comunidades surdas nas redes sociais: pela resistência e perpetuação da diferença através de humor. *In: PERLIN, G.; STUMPF, M. (org.). Um olhar surdo sobre nós mesmo: leituras contemporâneas*. Curitiba: CRV, 2012. p. 79-88.

SILVA, T. T. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

SKLIAR, C. Um olhar sobre o nosso olhar acerca da surdez e das diferenças. *In: SKLIAR, C. (org.). A surdez: um olhar sobre as diferenças*. 8. ed. Porto Alegre: Mediação, 2016. p. 5-32.

STOKOE. Willian C. SignLanguageStructure. Silver Spring: Linstok Press, 1960.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008a.

STROBEL, K. **Surdos**: vestígios culturais não registrados na história. 2008. 176 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008b. Acesso: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/91978>

STROBEL, K. **História de educação dos surdos**: texto-base de curso de Licenciatura de Letras/Libras, UFSC, Florianópolis, 2008c.

THOMA, A. S. Representações sobre os surdos, comunidades, cultura e movimento surdo. *In: LOPES, M. C. Cultura Surda e Libras*. São Leopoldo: Unisinos, 2012. p. 154-283.

VALSINER, J. **A cultura e o desenvolvimento da ação infantil**. Chichester: Wiley, 1987.

VALSINER, J. **Cultura nas mentes e nas sociedades**. Nova Delhi: Sábio, 2007.

VALSINER, J. **Convite para Psicologia Cultural**. Londres: Sábio, 2014.

VILHALVA, S. A ameaçada escola de Surdos. *In: SÁ, N. R. L. Surdo: qual escola?* 22. ed. Manaus: Valer e Edua, 2011. p. 63-74.

WILLIAMS, R. **Palavras-chave**: um vocabulário de cultura e sociedade. Tradução: Sandra Guardini Vasconcelos. São Paulo: Boitempo, 2007.

ZAPPE, C. T. **Escrita da língua de sinais em comunidades do Orkut**: marcador cultural na educação de surdos. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2010. Acesso: <https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/373/2019/04/carla-zappe.pdf>